

Resenha do Livro

MUSIC EDUCATION IN AN AGE OF VIRTUALITY AND POST-TRUTH, PAUL G. WOODFORD (2019). E-Book.
Nova Iorque: Routledge, 142p.
ISBN: 978-0-429-45177-5

Brunno Rossetti Ogibowski¹
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
rossettibrunno@gmail.com

Submetido em 20/11/2019
Aprovado em 08/12/2019

Resumo

Este texto apresenta a resenha do livro Music education in an age of virtuality and post-truth, do professor canadense da Western University, Paul G. Woodford. O livro costura o pragmatismo de John Dewey com as ideias de George Orwell sobre as sociedades de massa em busca de compreender o impacto que determinadas ações de políticos do século XXI podem causar no campo da Educação, da Arte e das Humanidades. Como conclusão, são oferecidos exemplos similares de políticos do Brasil e da América Latina, com o suporte das ideias de Newton Duarte,² que ele chamou de *O currículo em tempos de obscurantismo beligerante* (2018).

Palavras-chave: Educação Musical, Virtual, Pós-verdade, Artes, Newton Duarte, Trump

Abstract

This text presents a review of the book Music Education in an Age of Virtuality and Post-Truth, by Canadian University Professor Paul G. Woodford (2019). The book stitches John Dewey's pragmatism with George Orwell's ideas about mass societies in order to understand the impact that certain actions of 21st century politicians can have on the field of Education, the Arts and the Humanities. In conclusion, similar examples of politicians from Brazil and Latin America are offered, supported by the ideas of Newton Duarte and what he called The Curriculum in times of Beligerent Obscurantism.

Keywords: Music Education, Virtual, Post Truth, Arts, Newton Duarte, Trump

1 Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina.

2 Professor titular do Departamento de Psicologia da Educação (Unesp, campus de Araraquara).

Introdução

*Por que eu escrevo?*³ Esta pergunta se refere ao título do primeiro capítulo do livro *Music education in an age of virtuality and post-truth*, extraída do título de um texto de George Orwell de 1946. De autoria de Paul G. Woodford, professor na Don Wright Faculty of Music da Western University, no Canadá, o livro aqui resenhado traz um posicionamento político que também está presente em outras obras do autor, como o conhecido *Democracy and music education*, publicado em 2005.

Para responder à questão inicial do título, o autor retoma os quatro motivos principais que Orwell descreve em seu texto. São eles: “1) puro egoísmo, 2) entusiasmo estético, 3) impulso histórico e 4) propósito político” (s.p.).

Por focar principalmente no último motivo, que tem intenções políticas no seu discurso, seu texto não deve ser encarado como neutro, pois nem mesmo as escolas são, como o autor confrontará ao longo do livro. Woodford cita Orwell para justificar que concentra seu pensamento e escrita no quarto motivo, pois é onde estariam mais evidentes as relações de significado, justiça e verdade.

O livro está estruturado em uma parte introdutória e dividido em oito capítulos subdivididos em pequenas seções com subtítulos próprios.

Educação musical em tempos de virtualidade e pós-verdade

A falta de pensamento crítico dentro das escolas norte-americanas é o tema central da introdução e do capítulo 1, que também conta com três seções que buscam contextualizar o cenário da educação musical e o papel do profissional atuante dentro de instituições de ensino no século XXI. Na primeira seção há uma espécie de chamado para que os professores se sintam motivados e se engajem politicamente para desafiar o neoliberalismo crescente dentro de instituições de ensino que focam em resultados mais do que em processos de ensino-aprendizagem. Dispositivos digitais, cursos virtuais e na modalidade EaD já são modelos de ensino onde há menos necessidade de acompanhamento presencial ao estudante, e esse fato é uma das críticas que o autor faz ao ensino de música focado na *performance*, ou execução técnica, especialmente em tempos de virtualidade e pós-verdade.

Então, nos é apresentado um estudo da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE),⁴ instituição que é também popularmente conhecida como “Grupo dos Ricos”, porque envolve as nações mais ricas do mundo e está diretamente relacionada à criação de índices de qualidade de ensino nas escolas e universidades destes países que participam. Neste estudo, há uma desvalorização da música como atividade curricular, pois se mostrou inconclusiva a contribuição que as artes oferecem às demais áreas do conhecimento, consideradas mais úteis e economicamente relevantes. O autor levanta uma questão sobre o ensino que predomina em muitas instituições, onde técnica e repertório são estudados exaustivamente, em contraponto à pouca ati-

3 ORWELL, 1946.

4 OECD. Disponível em: www.oecd.org.

vidade reflexiva sobre o poder de persuasão que há na música e como ele pode moldar nossa percepção de mundo. Confrontando o senso comum que considera o campo da Arte e das Humanidades como pouco lucrativo e economicamente desinteressante, Woodford apresenta um estudo de 2013 onde foram analisadas 702 profissões e sua suscetibilidade à substituição por máquinas num futuro próximo. As profissões de artista, professor e músico são relativamente baixas em probabilidade de substituição, pois todas envolvem inteligência social e persuasão, o que, segundo o autor sugere, dificilmente conseguiria ser adaptado a algoritmos complexos.

Nossa capacidade de nos importarmos com o outro e seus problemas é o que nos diferencia das máquinas, então a educação musical deve envolver os estudantes em atividades significativas, éticas e moralmente justificáveis, para que, de acordo com as ideias citadas de John Dewey, sirvam para aprimorar a condição humana em uma experiência comovente emocional e intelectualmente. O final do primeiro capítulo utiliza-se de uma metáfora que relaciona a profissão de professor de música com um toque de infantaria usado pelo exército britânico no século XVII para se comunicar com as tropas no campo, intitulado "The Last Post". Este toque originalmente servia para comunicar às tropas que o acampamento estava seguro para a noite e que no dia seguinte voltariam a se comunicar, mas mais recentemente o mesmo toque tem sido usado em cerimônias funerárias, e a analogia funciona como uma brincadeira sobre o que é atuar neste campo hoje em dia. Alguns usariam a metáfora no contexto dos funerários, mas Woodford prefere provocar o leitor e dizer que a profissão de músico está segura em um futuro de transformações, mas somente se houver um engajamento político sobre o quanto a música representa em nossa sociedade e pode ajudar a promover a "segurança do acampamento".

No segundo capítulo há uma maior explanação sobre esta percepção errônea da importância da Arte tanto para a economia como para o desenvolvimento social de uma nação. Para isso, o autor se utiliza de argumentos que investigarão desde a participação econômica da Arte no PIB do Canadá até as estruturas neoliberais que regem o modelo de cidadão democrático formado nas escolas do século XXI. Com o suporte de um estudo que mostra que a indústria da cultura representou mais de 3% da economia canadense de 2014, o autor confronta quem ainda considera que a Arte é menos relevante economicamente que outras áreas e reforça demonstrando que os trabalhos na área da música flutuaram em períodos de crise tanto quanto outras profissões citadas no mesmo documento. Reforçado o propósito econômico da música, o autor segue uma linha bastante orwelliana para questionar que tipo de estudante estamos a formar nesta sociedade, que, a partir da última grande crise do capital, em 2008, passou a coordenar as instituições para a mensuração e concepção da educação a partir de termos econômicos prioritariamente. Novamente as ideias de John Dewey se entrecruzam com Orwell para compreender como uma determinada ideologia, que geralmente tem interesses prioritariamente econômicos por trás de determinadas estruturas de currículo, pode influenciar uma sociedade e sua concepção de realidade e do que é aceitável. Como exemplo, é citado o uso do ensino de música nas escolas da Alemanha nazista como

ferramenta de doutrinação e controle do que é valorizado como cultura. Dessa maneira, a extensão da crítica ao modelo de ensino focado na *performance*, aliada à compreensão de que toda arte está acompanhada de valores ideológicos, faz o autor recorrer novamente a Orwell, que adverte que uma sociedade que estreite seu pensamento resultará em uma cidadania deformada, que é incapaz de protesto ou resistência.

Para responder sobre a que modelo de cidadania o autor se refere, o terceiro capítulo traz uma das seções intitulada “Três modelos de cidadania democrática”, onde o primeiro modelo é baseado na disciplina e no trabalho árduo e, de maneira alguma, questiona o *status quo*, mas, ao invés, ajuda a sustentar as estruturas de poder vigentes na sociedade capitalista democrática. O segundo modelo tem uma concepção conservadora de cidadania, aquela em que o cidadão, ao invés de voluntariamente distribuir alimento para os sem-teto, preocupa-se em ser alguém socialmente engajado, do tipo que organiza uma distribuição coletiva de alimentos em sua comunidade, por exemplo. Já o terceiro modelo de cidadania democrática, mais orientado à justiça social e, por esse motivo, menos frequente em escolas, assemelha-se ao segundo, pois entende as raízes históricas da falta de distribuição de renda. Todavia, este modelo pretende se posicionar de modo a promover debates políticos para garantir a liberdade, a inclusão e a responsabilidade social. O autor ainda explora como a falta de definição do termo “democracia” pode ser algo proposital, pois todo sistema que o diz ser teme que terá que parar de usar o termo caso este esteja amarrado a algum significado. Como uma conclusão do capítulo, Woodford confronta novamente as salas de aula de educação musical, mas desta vez critica até mesmo os métodos tidos como mais participativos e focados no estudante, como nos casos do uso da improvisação e da composição. Estes, segundo o autor, além de mal interpretados pela sociedade onde estão aplicados, pois não carregam os valores dos cânones tradicionais da música clássica ocidental, reforçam estereótipos de privilégio e da chamada cultura de timidez, que o autor diz existir sobre o campo da educação musical. Woodford encerra citando Dewey novamente, quando este discorre sobre o propósito da educação, que é o de formar cidadãos preparados para enfrentar o aparato de propaganda do Estado e da plutocracia dos ricos.

No quarto capítulo do livro, podemos verificar uma retrospectiva das políticas de estado canadenses, como aquela que o ex-primeiro-ministro Stephen Harper chamou de guinada ao conservadorismo durante o período de 2006 até 2015, além de continuar descrevendo um pouco da personalidade deste tipo de político que joga com a opinião pública e a propaganda para construir sua forma de ação governamental. Um exemplo de como a opinião pública pode ser moldada ao interesse particular de determinados políticos é o que Woodford chamou de esteticização da política, onde estes representantes, como Harper, usam de algumas características de influência que são capazes de exibir, ou ocultar, para driblar e moldar a opinião pública em seu favor. Harper, como descrito pelo autor, se utiliza de um posicionamento político de crítica ao setor artístico, por argumentar que este não dialoga com o cidadão comum pagador de impostos, fato que podemos verificar de forma bastante similar em outros governos nas Américas. Com esse posicionamento, os políticos se colocam como se fossem pessoas comuns, e

não pessoas privilegiadas que tiveram acesso a uma educação diferenciada, no mínimo, em contraste com os ditos cidadãos comuns. Dessa forma, o autor revela que o real interesse em criticar as artes e mesmo os especialistas em diversas áreas, como faz este tipo de político descrito pelo autor, esconde a vontade de domá-las, pois elas são capazes de traduzir ou produzir grande parte do imaginário popular sobre o que significam os símbolos de uma nação. O autor complementa ainda que muitas vezes as artes são interpretadas como perigosas e, assim sendo, dispensáveis em sistemas educacionais neoliberais focados em geração de resultados. Segundo Woodford, a sociedade ocidental tem adotado a standardização do currículo como ferramenta de geração de resultados para justificar o financiamento pelas instituições financeiras mantenedoras e escreve sobre uma aliança entre universidades e suas fundações mantenedoras, outrora interessadas no conhecimento sendo produzido e agora focadas nos resultados econômicos como principal meta. Criticando este tipo de educação focada na padronização dos estudantes, tornando-os meros adultos em treinamento, adquirindo competências e habilidades para usar no mundo moderno, Woodford conclui que estamos contribuindo para a criação de graduandos de 22 anos de idade altamente competentes e habilidosos, mas sem o mínimo de senso de propósito ou significado na vida, ou até mesmo sobre como buscar algum. Antigamente associada à contestação do modelo vigente, muitas vezes impulsionada pelos conhecimentos adquiridos nesta fase da vida, nossa juventude, segundo o autor, se reduz a uma convivência com o sistema democrático capitalista e à inserção no mesmo, de preferência o mais rápido possível.

Explorando ainda mais o termo “virtualidade” dentro do contexto da sociedade do século XXI, o autor traz o conceito da “morte da realidade como a conhecemos” (s.p), pois agora não mais existimos apenas nesta realidade palpável aqui e agora. Ao mesmo tempo em que praticamos nossa existência, possuímos representações que coexistem em realidades virtuais que têm suas próprias regras, como as redes sociais, por exemplo. Conseguimos verificar muita similaridade entre as ideias propostas pelo autor e os romances de Orwell, seja 1984, A Revolução dos Bichos ou até O conto da Aia.⁵ Este último, citado também por Woodford, é uma ficção escrita por Margaret Atwood em 1985, sobre uma sociedade onde algumas mulheres foram escravizadas para gerar filhos para as classes mais abastadas, em nome de Deus e do bem econômico daquela civilização.

Por fim, o autor termina o livro com dois últimos capítulos que se debruçam mais sobre a teoria neoliberal e desafiam um dos principais argumentos feitos por Francis Fukuyama no livro *O fim da história e o Último Homem*, de 1992, onde defende que a democracia neoliberal seria o último estado de todas as civilizações ainda em desenvolvimento. Woodford ressalta que Fukuyama não previa acontecimentos como a recessão de 2008 e o surgimento de figuras como Donald Trump, que, por meio de um reality-show, ganha notoriedade para o grande público e, a partir daí, começa a trilhar um caminho que tem como destino a Casa Branca. Ele argumenta novamente que Trump chega até a presidência utilizando-se de argumentos tais como os de que a educação estava pouco rígida, que seu país estava dominado por imigrantes e outras formas de

5 ATWOOD, Margaret. *O Conto da Aia*. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. (Original: The Handmaid's Tale).

discurso violento que, de certa forma, são representações de opiniões populares nos EUA. Segundo o autor, estaríamos em um momento de mudança crucial, especialmente em tempos de raiva, que ignoram a capacidade de diálogo do campo da Arte e das Humanidades com as demais disciplinas e, assim sendo, as demonizam.

Considerações finais

Utilizando-se de exemplos sobre como a cultura tem o *soft power* de moldar uma sociedade, o autor cita alguns políticos que têm usado isso em benefício próprio no século XXI. Muito embora sejam citados profissionais da área de diversas partes do mundo manifestando suas opiniões, pouca atenção é dedicada ao crescente neoconservadorismo pautado na agenda neoliberal da América Latina. Neste contexto, deve-se saber que esta resenha foi submetida previamente ao autor do livro antes de suas considerações finais, durante sua recente presença no XXIV Congresso Nacional da Abem, em Campo Grande/MS, de 11 a 14 de novembro de 2019. Graças a esta troca de informações via e-mail e acatando críticas e sugestões do autor, alguns episódios similares aos descritos no livro serão relatados, mas agora em relação às representações políticas da América Latina e em especial do Brasil, que é de onde escrevo.

Algo muito similar ao que Woodford relata sobre a popularidade de Trump e como ela foi impulsionada por um reality-show vem acontecendo no Brasil com o atual presidente e suas muitas aparições polêmicas em veículos de mídia de massa, principalmente após o impeachment⁶ da presidente Dilma Rousseff, em 2016. Naquela ocasião, o atual presidente do Brasil, que então era deputado e participava daquela votação polêmica e histórica, exaltou em seu discurso a figura de um dos maiores torturadores do regime militar que havia torturado inclusive a presidente prestes a ser destituída. Ao que se verificou na sequência, este episódio apenas valorizou a figura deste político, que, a partir de então, passou a ser visto como o porta-voz do discurso de uma pessoa comum, indignada com as políticas do país mergulhado em escândalos de corrupção e numa profunda crise financeira. A partir deste período, os demais governos ditos de esquerda da América Latina passam a viver um aumento das suas crises políticas. Podemos trazer alguns exemplos, como a eleição do governo declaradamente neoliberal de Mauricio Macri, na Argentina; os crescentes embargos que o governo venezuelano enfrenta; a intensificação extrema da crise que se tornou revolta popular na Bolívia no momento da escrita deste texto; além da falência completa do dito “laboratório neoliberal” chileno, que também presencia momentos de forte tensão e luta popular para recuperar uma parcela daquilo que foi entregue à iniciativa privada.

Por fim, o professor Newton Duarte, pensador da Educação no Brasil, em seu artigo “O currículo em tempos de obscurantismo beligerante”, traz reflexões que se assemelham muito ao panorama descrito por Woodford. Especificamente sobre o modelo da Base Nacional Comum Curricular, prestes a ser implantado no Brasil, Duarte cita que

⁶ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vota%C3%A7%C3%B5es_no_processo_de_impeachment_de_Dilma_Rousseff Acesso em: 7 dez. 2019.

a suposta liberdade que este modelo oferece aos jovens os leva “a aceitarem como natural e indiscutível que vivemos no único tipo possível e desejável de sociedade” (2018, p.143). Com este tipo de currículo, seguiremos formando jovens que seguem obedecendo aos projetos de vida fornecidos pelo sistema educacional, pois, segundo Duarte (2018, p.143), “os projetos de sociedade estão interditados, mas os indivíduos são livres para sonhar com uma vida de fartura e para lutar com unhas e dentes para vir a fazer parte do seleto grupo dos bem-sucedidos”.

Referências

WOODFORD, Paul G. *Democracy and Music Education*. Bloomington, IN. Indiana University Press, 2004

DUARTE, Newton. O currículo em tempos de obscurantismo beligerante. *Espaço do Currículo*, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 139-145, maio/ago. 2018.

FRANKFURT, Harry G. *Sobre falar merda*. 1. ed. Trad. Ricardo Gomes Quintana. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2005.

ORWELL, George. *Why I Write*. *Gangrel Magazine Summer*, Londres, Reino Unido. Disponível em: http://orwell.ru/library/essays/wiw/english/e_wiw Acesso em: 12 dez. 2019.